ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DO DF SOFREM COM A FALTA DE ESTRUTURA DAS QUADRAS ESPORTIVAS

Educação física NO VERMELHO

ERIKA KLINGL
DA EQUIPE DO CORREIO

Os 2,1 mil alunos do Centro de Ensino Médio 1 de Sobradinho dividem quatro quadras de esporte. A conta é apertada, mas não é esse o principal problema da educação física na escola. Nenhuma das oito tabelas de basquete têm aro. Duas delas chegam a ter a estrutura para recebê-los, mas as outras seis não lembram nem de longe a prática do esporte que trouxe medalha de ouro para o Brasil nos jogos Pan-Americano. O mesmo vale para a estrutura de vôlei, futsal e handebol.

Do outro lado do Distrito Federal, no Centro de Ensino 7 de Ceilândia Norte, o cenário é o mesmo. Alguns dos mais de 4 mil alunos até conseguem jogar basquete. Mas a disputa precisa estar concentrada em meia quadra, já que apenas uma das tabelas tem aro. Além disso, tudo é improvisado. A rede foi feita com cadarço de tênis dos próprios alunos. Apenas uma, das três quadras, tem piso adequado para as aulas de futsal, mas só porque os alunos se uniram para fazer uma rifa de um aparelho de DVD. Em nenhumas delas existe educação física à noite por falta de iluminação.

No coração da capital do país, a situação não é muito diferente e, em alguns casos, as quadras nem existem. Os alunos de 4ª série da Escola Classe da 103 Norte precisam caminhar até a 303 Norte para usar a quadra de lazer da residencial todas as tardes — prática comum no Plano Piloto. O pátio não é suficiente para a prática de atividades e elas ainda atrapalham as turmas que estão em sala. A realidade dos colégios é impensável quando comparada ao sucesso do país e dos atletas do DF no Pan-Americano do Rio de Janeiro, que acabou há exatamente uma semana. Contrasta com as 54 medalhas de ouro, 40 de prata e 67 de bronze, mas não com a rotina da rede de ensino público do DF.

Quando existem, as quadras não têm cobertura e possuem pisos rachados e porosos. Redes e bolas são artigos raros e, muitas vezes, comprados com recursos dos pais, alunos e funcionários das escolas. Para piorar, os professores estão desistimulados. Durante três dias, o **Correio** visitou escolas públicas e encontrou um cenário desolador. A conclusão: se a formação da futura geração de ouro dos esportes depender da atual estrutura das quadras de esporte, o DF pode abandonar o projeto de repetir o bom desempenho de brasilienses no Pan do Rio.

Prejuízo

"Nas principais potências esportivas do mundo, como Cuba, Estados Unidos e Alemanha, as escolas servem como base para a formação de novas gerações de atletas. O Brasil está cada vez mais para trás", lamenta Mário Cantarino, professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB) e ex-presidente da Federação Brasiliense de Atletismo. "É claro que a função da educação física nas escolas é, antes de mais nada, pedagógica mas os educadores devem dar o bê-a-bá dos movimentos para crianças e adolescentes e plantar as sementes para futuros atletas", defende Cantarino. "Quem não virar atleta a partir das aulas poderá usar o conhecimento para viver e envelhecer melhor."

O discurso de Cantarino ecoa entre os principais atletas do país. Giovane Gávio, do vôlei, Fernando Meligeni, do tênis, e Gustavo Borges, da natação, já deixaram as competições, mas defenderam durante todo o Pan um maior investimento dos governos na formação de atletas ainda em idade escolar. Quem ainda está nas quadras, pistas e piscinas engrossa o coro. "A educação física é o início da vida esportiva. Pode trazer a criança e adolescente para os esportes ou afastá-los definitivamente", avalia Clodoaldo Gomes da Silva, atual vice-campeão da São Silvestre.

Ele começou a praticar em Ceilândia e hoje divide sua competência com mais de 40 atletas, sendo que alguns deles são estudantes. Na última quinta-feira, o governador José Roberto Arruda anunciou que a pista de atletismo do Centro Educacional 2 de Ceilândia será reformada. Além de Clodoaldo, Marilson dos Santos, bicampeão da São Silvestre e atual campeão da Maratona de Nova York, também estudou lá.

Dificuldades

A tal iniciação nos esportes não passa nem perto da grade curricular das escolas públicas do DF. A maioria das aulas de educação física não chega nem a ser recreação. A rotina mais comum se resume a um bate-bola entre os estudantes, com roupas inadequadas. Na última quarta-feira, a um aluna do 2º ano do ensino médio do Centro 7 de Ceilândia, jogava futebol no último horário, por volta das 11h30, de calça jeans e descalça. "Aqui a gente só brinca. Os professores até se esforçam, mas é complicado", comenta ela, que não quis se identificar. Quando as meninas não estão jogando bola, dão voltas nas quadras em um espaço de terra e brita que, um dia, foi pista de atletismo. Para Ana Carolina de Freitas e Débora Mendes, ambas com 17 anos, isso nem é o pior. "O bebedouro que fica na área das quadras é nojento", diz Débora, referindo-se a uma mangueira que sai da parede e que é acionada com uma corrente.

Em alguns casos, os problemas estruturais colocam em risco a saúde dos estudantes. Aluna do 1º ano do ensino médio do Centro Educacional 2 de Ceilândia, Nádia Pâmela, 17 anos, torceu o pé há um mês na aula de educação física. O alambrado que cercava a quadra caiu no ano passado e os pilares de sustentação ficaram para trás. O descaso fez com que o mato crescesse ao redor e cobrisse os canos enferrujados que saem do chão. "Tropecei e torci o pé. Até dei sorte porque poderia ter me machucado sério", conta a jovem.

Os 45 alunos da turma de Nádia têm aula de educação física todas as segundas-feiras entre 13h e 15h. Como não há cobertura nas quadras, até as 14h, todos ficam batendo papo, jogando xadrez ou tênis de mesa para evitar o calor logo depois do almoço. A partir das 14h, o professor segue com os alunos para as quadras que ficam atrás do prédio. "Isso aqui é brincadeira. O piso é péssimo para deslizar a bola e o calor é grande demais em dia de sol. Quando chove, ficamos na sala", comenta Maurício de Castro, 17 anos, da turma de Nádia.

Cansados, os alunos orçaram a construção de uma nova quadra. Com R$ 15 mil, a escola poderá ter um espaço adequado para a prática de educação física. Para pagar, todo mundo entrou numa gincana. Ganha quem arrecadar mais tijolos, mais areia ou dinheiro para pagar os pedreiros. "Vamos melhorar a nossa vida porque somos capazes disso", afirma Maurício.

Fotos: Carlos Vieira/CB

QUADRA DO CENTRO EDUCACIONAL 2 DE CEILÂNDIA SERÁ REFORMADA: ESPORTE PRATICADO NO IMPROVISO

Obras previstas em 207 colégios

A formação de futuros atletas não passa nem perto do sistema de ensino público do Distrito Federal atualmente. Para se ter uma idéia do tamanho do problema, as secretarias de Educação e de Obras fizeram um diagnóstico da situação das quadras. Nada menos que 207 passarão por reformas. O número é alto, mas chama ainda mais atenção quando comparado com o total de escolas entre 5ª e 8ª séries dos ensinos fundamental e médio com quadras de esporte. São apenas 220, de acordo com o Censo da Educação Básica, do Ministério da Educação (MEC). Ou seja, 94% das quadras existentes precisam de reformas.

A subsecretária de Desenvolvimento do Sistema de Ensino da Secretaria de Educação, Dicemar Alves do Nascimento, rebate as críticas de que o governo não investe na descoberta de talentos. De acordo com ela, existe uma rede construída para dar suporte às seleções de esportistas de primeira linha feita pelos professores de educação física. "Temos 14 Centros de Iniciação Desportiva (CID), um em cada regional de ensino, que recebem indicações dos nossos docentes", explica. "Cada CID trabalha com diferentes modalidades."

Manutenção

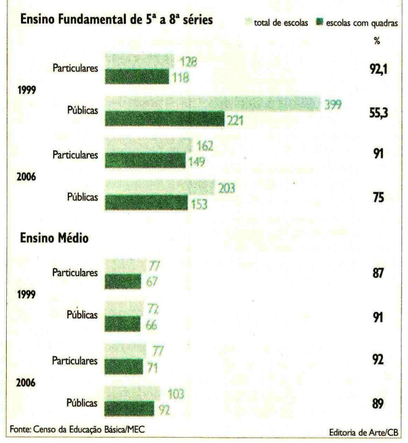
"Não adianta ter um lugar para encaminhar os jovens com vocação para ser bom atleta. Como vamos descobrir talentos se não temos quadras decentes? Não temos condição de trabalhar e nosso leque de opções para a prática esportiva é mínimo. Não existem piscinas para natação ou salto nem banco de areia para saltos no atletismo", diz um professor, que pede para não ser identificado por temer represálias. Além disso, ele garante que até esportes de treino mais simples, como futebol, vôlei e basquete, que dependem de menos estrutura, sofrem com o péssimo estado das áreas.

Dicemar explica que as quadras serão recuperadas. Segundo ela, todas as atribuições de reformas e manutenção das áreas de esporte de escolas públicas do DF ficarão a cargo da Secretaria de Obras. "As escolas não devem se preocupar com isso, vamos trabalhar com os problemas dentro do GDF", argumenta. (EK)

NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO 1 DE SOBRADINHO, TABELAS NÃO TÊM ARO

ABANDONO

A maioria das escolas do Distrito Federal, tanto públicas quanto particulares, tem quadras de esporte. Os altos índices, no entanto, escondem a verdadeira realidade da prática de educação física no DF: pisos rachados, tabelas de basquete sem aros, mato e risco para os estudantes



Fonte: Censo da Educação Básica/MEC
Editoria de Arte/CB

Retorno garantido

Cada dólar investido na prática esportiva de crianças e jovens rende pouco mais de US$ 3, segundo cálculo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O retorno, para governos federal, estaduais e municipais, está em investimentos na educação e na saúde. Atletas, profissionais ou não, se alimentam melhor, têm bom condicionamento, mais concentração e disciplina. Se o impacto do esporte na vida social é dessa magnitude, imagine na vida pessoal de seus praticantes?

Não é preciso ir longe para comprovar que está certa a conta e avaliar os benefícios do esporte em cada um. No Estádio Agostinho Lima, em Sobradinho, funciona um Centro de Iniciação Desportiva (CID). O lugar mudou a vida de Djalme César, de 18 anos. Aluno do 3º ano do Centro Educacional 2 de Sobradinho, ele começou a treinar com o professor Waltinho Pereira da Silva em 2004. Até então, nunca tinha pensado em fazer atletismo e era até meio preguiçoso. Hoje, Djalme é o líder do ranking brasileiro juvenil de marcha atlética e foi medalhista de bronze no Pan-Americano Juvenil deste ano, em São Paulo. "Vejo no esporte um trabalho e, por isso, sou muito focado e concentrado no meu desempenho", comenta o jovem. "Desenvolvi uma ambição que não tinha. Quero crescer e representar melhor o meu país."

> **O ESPORTE MELHORA A AUTO-ESTIMA E MANTÉM OS JOVENS LONGE DE BOBAGENS**
>
> *Waltinho Pereira da Silva, professor do Centro Educacional 2 de Sobradinho*

O discurso de Djalme é comum entre os atletas em formação. "O esporte melhora a auto-estima e mantém os jovens longe de bobagens. Em vez de estar mexendo com coisa errada, eles estão aqui interagindo uns com os outros e crescendo", afirma Waltinho.

Ele e o professor João Sena dão aula para cerca de 100 alunos da rede pública. A seleção é feita em Sobradinho mesmo. Os dois vão nas escolas divulgando o trabalho e convidando estudantes. A adesão cresce quando os alunos descobrem que passaram pelo CID atletas como Hudson de Sousa, que é bicampeão pan-americano nos 1.500m e dono do recorde da prova.

De acordo com o Waltinho, que dá aula lá há 12 anos, a cada centena pelo menos cinco jovens se destacam. O percentual de 5% é altíssimo. Se fosse repetido em grande escala, representaria milhares de novos atletas. Para se ter uma idéia, o Brasil tem atualmente 33 milhões de alunos matriculados no ensino fundamental e 9 milhões no ensino médio. Se 5% deles tiverem potencial, o país poderia ter mais de 2 milhões de atletas competitivos. Em uma análise mais pessimista, se apenas 0,1% dos estudantes tiverem vocação para serem competidores de primeira linha, ainda teríamos 42 mil atletas.

Professores e especialistas defendem que a prática das CIDs ocorre da forma que deveria funcionar a educação física nas escolas. O debate é: a educação física deve estar na grade curricular no turno do aluno ou ele deve voltar à escola no turno seguinte? "Quando a educação física era no horário contrário, só em Ceilândia havia 60 equipes de futsal e 30 de vôlei no Torneio da Primavera da cidade. Hoje, são menos de 10 times de cada", comenta o professor da rede pública Júlio César Soares. (EK)

PALAVRAS DE CAMPEÕES

"FORAM MEUS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 1 NO PARANOÁ QUE ME ENCAMINHARAM PARA UM PROJETO VOLTADO PARA A PRÁTICA DE ESPORTES. A PARTIR DE UM EMPURRÃOZINHO, PUDE CONHECER O EDILBERTO BARROS, QUE É MEU TÉCNICO DESDE AQUELA ÉPOCA. A ESCOLA FOI FUNDAMENTAL PARA QUE EU CONHECESSE O ATLETISMO E PUDESSE ME DESTACAR."

Lucélia Peres, vencedora da São Silvestre do ano passado e medalha de bronze nos 10.000m no Pan do Rio de Janeiro

"ESTUDO NO MESMO LUGAR DESDE A 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL. FOI NO CEUB QUE COMECEI A NADAR E, HOJE, COM UMA BOLSA DE ESTUDOS, FAÇO EDUCAÇÃO FÍSICA. O INCENTIVO DOS MEUS PROFESSORES E DA PRÓPRIA ESCOLA COM CERTEZA FIZERAM DIFERENÇA PARA QUE EU ME TORNASSE UMA NADADORA DE SUCESSO E UMA GRANDE CIDADÃ."

Rebeca Gusmão, duas medalhas de ouro no Pan do Rio na natação: 50m livres e 100m livres, sendo que na segunda prova marcou 55s17, novo recorde sul-americano

"ESTUDEI EM ESCOLA PÚBLICA NA ASA NORTE ATÉ A 5ª SÉRIE E, DEPOIS, FUI PARA O SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA. EM NENHUM DOS DOIS HAVIA PISCINA PARA SALTO, MAS EU JÁ TREINAVA NA ÉPOCA. FREQÜENTAVA AS INSTALAÇÕES DA SECRETARIA DE ESPORTES, PRIMEIRO NADANDO, E, DEPOIS DE POUCO TEMPO, COM SALTOS. DE QUALQUER FORMA, RECEBI MUITO APOIO DOS PROFESSORES, INCLUSIVE NA RECUPERAÇÃO DE CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS."

César Castro, medalhista de prata nos saltos ornamentais no trampolim de 3m dos Jogos Pan-Americanos

"COMECEI A CORRER NO CENTRO EDUCACIONAL 2 DE CEILÂNDIA NORTE, QUE, JÁ NAQUELA ÉPOCA, TINHA INSTALAÇÕES PRECÁRIAS PARA O ESPORTE, COM PISTA IRREGULAR E FORA DOS PADRÕES. MAS MEUS PROFESSORES E TREINADORES COMPENSAVAM A DIFICULDADE COM INCENTIVO E FOCO NA TÉCNICA. MARILSON GOMES TREINAVA COMIGO E NÓS DOIS CONSEGUIMOS SUPERAR AS DIFICULDADES."

Clodoaldo Gomes, vice-campeão da última São Silvestre e quinto lugar nos 10.000m dos Jogos do Rio, com o melhor tempo da carreira: 28min28s92.